

Lula escala ministros para pacificar militares e policiais

MINISTROS-CHAVE

Múcio e Dino assumem missão de distensionar relação de Lula com Forças Armadas e policiais



Primeira tropa. Lula, ladeado pela presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e pelo futuro vice, Geraldo Alckmin, apresentou ontem os ministros Fernanda Haddad (Fazenda), Flávio Dino (Justiça), Rui Costa (Casa Civil) e José Múcio (Defesa)

JENIFFER GUILARTE, BRUNO ABBUD, SERGIO ORIXO E JUSSARA SOARES public@oglobo.com.br

Annunciados ontem como ministros do futuro governo pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-governador Flávio Dino (Justiça) e o ex-ministro José Múcio Monteiro (Defesa) vão comandar duas das pastas mais sensíveis para o grupo político que assumirá o comando do país a partir do dia 1º de janeiro. Além de botar em prática as ações de suas áreas, eles foram encarregados de pacificar as relações com integrantes das Forças Armadas, policiais federais e do Judiciário, setores do Estado em que o petista e seus aliados mais enfrentaram resistências.

A tarefa mais espinhosa caberá a Múcio, dada a histórica proximidade dos militares com o presidente Jair Bolsonaro, capitão da reserva do Exército. Tão logo foi confirmado por Lula, o futuro ministro da Defesa já fez gestos para demonstrar a disposição de criar um bom ambiente com a caserna. Disse que pretende se encontrar com o próprio Bolsonaro, de quem foi colega na Câmara dos Deputados, e que vai se reunir nos próximos dias com os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Antes mesmo de ser anunciado, Múcio conversou com o atual titular da cadeira, Paulo Sérgio Nogueira.

— Vou falar com os atuais comandantes na próxima semana. Tenho boa relação com eles todos. Tem uma transição facilitada — minimizou José Múcio.

As dificuldades dos militares com Lula foram manifestadas de diferentes maneiras desde a campanha. Na mais recente delas, os atuais comandantes das forças indicaram que pretendem antecipar a troca de comando para o final deste ano. A passagem de bastião costuma ocorrer em janeiro. Múcio deixou claro que a decisão o desagradaria. Em mais um gesto em busca de pacificação, ele e Lula decidiram que vão respeitar a tradição militar e indicar aos comandos das forças os quadros mais antigos de cada uma delas. São eles: o tenente-brigadeiro do Ar Marcelo Damasceno para a Aeronáutica; o general Julio Cesar de Arruda ao Exército; e o almirante de Esquadra Marcos Olsen à Marinha.

‘SEIS’ FORÇAS ARMADAS Múcio, por outro lado, também tem demonstrado que não pretende tolerar eventuais insubordinações por parte dos fardados, como disse ontem em entrevista à GloboNews. Na mesma ocasião, ele afirmou acreditar que a rejeição à Lula não é unanimidade nos quartéis.

— Hoje, não existem três Forças, existem seis: o Exército, a Marinha e a Aeronáutica que gostam do Lula, e o Exército, a Marinha e a Aeronáutica que gostam do Bolsonaro — afirmou, antes de concluir: — Nós precisamos pacificar esse país.

A percepção é compartilhada por outros aliados próximos de Lula, que ontem aunicou também os titulares da Fazenda, o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad; da Casa Ci-

DEFESA E JUSTIÇA

O perfil e os desafios dos ministros das duas pastas-chave



JOSÉ MÚCIO - DEFESA



Ex-deputado e ex-ministro do TCU, José Múcio foi escolhido para o ministério mais sensível do início do governo Lula justamente por sua capacidade de interlocução - ele tem trânsito com petistas, com bolsonaristas e com militares. Foi cinco vezes eleito deputado federal, a maior parte do tempo no PTB, mas com passagens também por PSDB e o extinto PFL. No segundo governo Lula, foi ministro das relações institucionais. Em 2020, durante um evento com a participação do presidente da República, ficou famosa a declaração de Bolsonaro ao dizer que era "apaixonado" por Múcio, numa deferência ao então ministro do TCU.



PRINCIPAIS DESAFIOS

- Apaziguar e despolitizar as Forças Armadas, "partidarizadas" por Bolsonaro. Manifestações políticas dos militares da ativa passaram a ser corriqueiras, à margem das regras das Forças
• Encontrar uma saída para os atos nas portas dos quartéis que contestam o resultado eleitoral
• Terá a missão de conduzir a relação com as Forças durante investigações e punições de eventuais crimes cometidos por militares ao contestar o processo eleitoral
• Contornar eventuais insatisfações dos militares com a provável perda de cargos no governo e eventuais cortes orçamentários que podem ameaçar programas das Forças

vil, que será comandada pelo ex-governador da Bahia Rui Costa; e o diplomata Mauro Vieira para o Itamaraty. — O primeiro grande desafio é pacificar e unir o nosso país — pregou Rui Costa, durante o evento "E agora, Brasil?", promovido pelos jornais O GLOBO e Valor Econômico na terça-feira. Assim como Múcio, ex-governador do maranhão e



FLÁVIO DINO - JUSTIÇA

Juiz federal de carreira, chegou a presidir a associação nacional da categoria e foi secretário-geral do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Entrou para a política pelo PCdoB. Foi presidente da Embratur no governo Dilma e depois se elegeu duas vezes governador do Maranhão, derrotando candidatos apoiados pelo então presidente Jair Bolsonaro. Montou em seu governo um dos maiores arcos de alianças partidárias do país. No ano passado, sob articulação de Lula, se filiou ao PSB, e agora é o primeiro ministro de uma sigla aliada a ser confirmado no governo. Foi eleito senador em outubro e, indo para o governo, dará vaga a Ana Paula Lobato (PDT) no Senado.

- Precisar despolitizar as polícias sob seu comando, especialmente a Polícia Rodoviária Federal, que deu mais sinais de proximidade e atuação política a favor do atual governo
• Precisar garantir autonomia e independência das investigações da Polícia Federal, após seu grupo apontar o aparelhamento da PF por Bolsonaro
• Recebeu a atribuição de liderar o processo de desmonte da legislação armamentista implementada por Bolsonaro
• Como titular da Justiça, terá papel decisivo na reconstrução das relações institucionais do Executivo, em especial com o Judiciário

Ao divulgar a opção de Lula resumir o que espera dele: — O companheiro Flávio Dino tem a missão de primeiro consertar o ministério. Vamos primeiro arrumar a casa.

O futuro ministro da Justiça tem adotado um tom mais vertical do que seu colega da Defesa. Embora também pregue a pacificação, ele demonstra explicitamente o descontentamento com o comportamento de boa parte das tropas. — Pouco importa em quem cada policial votou. Quem quiser se engajar na agenda de trabalho, será bem-vindo. Quem quiser ficar numa posição de sectarismo, de radicalismo... no que depender das atribuições federais, não vamos concordar. Vamos separar o joio do trigo — afirmou à GloboNews.

PONTES COM O JUDICIÁRIO

Ex-juiz de primeiro grau, Dino ainda precisará aparar arestas abertas entre o futuro chefe e ministros de tribunais superiores. Lula acumula um rosário de acusações e críticas ao Judiciário, grande parte delas proferidas após condenações aplicadas a ele próprio e a seus aliados durante o julgamento do mensalão, em 2012, e a operação Lava-Jato. Em consequência dessa última, Lula chegou a ser preso e ficou encarcerado por quase dois anos preso. Mais tarde, porém, as sentenças contra ele foram anuladas pelo Supremo Tribunal Federal (STF), momento em que as pontes começaram a ser reconstruídas entre as partes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Página:** 2